

Águas cristalinas

A erudição sem pompas na análise de grandes temas da cultura brasileira

Céu, inferno, de Alfredo Bosi.
Ática, 288 páginas;
CZ\$ 1.380

Angela Maria Dias

EM um dos seus prefácios, Borges qualifica a leitura de "mais resignada, mais atenciosa, mais intelectual" do que o ato de escrever. Céu, inferno, coletânea de ensaios de crítica literária e ideológica de Alfredo Bosi, confirma esta conjectura do narrador argentino. Bosi entende a interpretação da obra literária como eleição, escolha (ex-legere) que, conforme Paul Ricoeur deve "reativar" o texto. Este processo de transição do "claro enigma" da obra para o discurso crítico certamente recupera a reflexão de um outro apaixonado pela linguagem, Barthes:

"A literatura assume muitos sabores... faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis, insuspeitos, irrealizados... Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor, que sabe algo das coisas, que sabe muito sobre os homens".

Bosi, sem dúvida, compartilha esta opinião. Por isso atribui ao intérprete o papel de mediador, no resgate, para o leitor, do evento, na aparência "não transparente" da forma produzida. A complexidade dessa experiência recriada pela forma, em seus vários estratos e dimensões, leva-o a conceber a interpretação literária sobretudo como "um projeto cultural aberto". Não é outro o sentido desta coletânea de ensaios, na qual a ampliação de perspectivas não reduz a acuidade crítica, nem a erudição ofusca a cristalina abordagem de cada texto.

Dividido em três módulos — Ensaio brasileiro, Intermezzo italiano e Exercícios de teoria —, o volume reúne textos dispersos e dois trabalhos inéditos: um sobre a interpretação da obra literária e outro sobre O Ateneu, de Raul Pompéia.

Na primeira margem da modernidade, surpreende-se no O Ateneu, em sua "conversação naturalista", um dos marcos fundamentais do contraditório ocaso da ciência positivista na vida intelectual brasileira. A crise do modelo naturalista — concretizada neste romance pelo "dilacerante convívio" entre a "força desconstrutora e anárquica da passionalidade" e a "construção rígida do determinismo darwinista" — será retomada pelo autor como ambíguo horizonte sócio-cultural da cena machadiana.

No ensaio "Uma figura machadiana", o sutil desenho do intérprete vai delinear, entre os romances Esaú e Jacó, Memorial de Aires e Memórias póstumas de Brás Cubas, a coincidência nada ocasional da perspectiva. De um lado, o diplomata aposentado, "afastado da praia mas com os olhos na gente que fica"; e de outro o defunto autor, "já desafiado da brevidade do século". Em ambos, a mórbida intencionalidade de uma consciência irônica e desenganada, como mediadora, neste memorialismo romanesco, entre escrita e impressão. Em ambos, o "jogo do instinto de morte" e a consideração do tempo como "cúmplice de atentados".

Ainda no que tange a Machado, vale assinalar um comentário de Bosi sobre o decadentismo em Italo Svevo (no Intermezzo italiano). Será que o "estilismo da atenuação" em Aires e toda a retórica irônica, modalizante e relativista, comum aos dois narradores (bem como a alegoria da Natureza Madrasta na abertura das Memórias póstumas), não correspondem ao reverso decadentista, dissimuladamente determinista, do cientifismo agonizante? Afinal, se no lusco-fusco do século XIX a razão já não dá conta do recado — porque não consegue mais esconder o seu autoritarismo estéril — o irracionalismo das forças do Destino, entendido sempre como enigma indecifrável e cruel, também se inscreve no mesmo fatalismo, apenas com o sinal invertido.



Mas esse pathos pessimista, que em Euclides da Cunha e Lima Barreto se enriquece com a explicitação afilada e amarga de contradições inconciliáveis, vai engajar-se, com a revolução paulista de 1922, na chamada "tradição de ruptura" da modernidade. De um lado, o balanço crítico da antropofagia de Oswald e da rapsódia macunaímica de Mário não omite o reconhecimento da "estilização da indefinição do caráter nacional", promovida de modo diverso pelas duas obras. E de outro, constata uma espécie de primitivismo culto, com inequívocas inclinações românticas, sobretudo na mítica fusão de "maquinaria" e "instinto carafba" da proposta oswaldina.

Mas o fato é que a "congenialidade", já apontada por Antonio Cândido, entre nosso imenso e inexplorado imaginário primitivo e a descoberta europeia do inconsciente e dos motivos oníricos e maravilhosos das culturas distantes, desencadeia, como reconhece Bosi, "a denegação da mente racionalizadora imposta ao planeta inteiro desde que se consolidara o modo de viver e pensar capitalista". Daí a própria revisão sócio-política e existencial do conceito de identidade na cultura brasileira, deflagrada pelo "veio neo-indianista e neofolclórico" do modernismo brasileiro.

Nesta linha de questionamento dos estereótipos da identidade nacional e pesquisa da memória coletiva, o autor situa a importância de Sérgio Buarque de Holanda e, mais adiante, propõe uma avaliação dos roteiros apontados por Dante Moreira Leite sobre O caráter nacional brasileiro. Pena que Bosi não tenha dedicado um ensaio ao polêmico monumento que é Casa-Grande & Senzala. Sua passageira referência ao imperialismo da memória poética frente à realidade social é insuficiente, diante da relevância e da inegável capacidade de permanência da obra de Gilberto Freyre.

Quanto ao ensaio sobre Sérgio Buarque talvez se possa discutir a questão do "descompasso entre as estruturas de base e o irrealismo bacharelesco dos fazedores de teorias", denunciado em Raízes do Brasil e interpretado por Bosi como decorrência do caráter "tradicional" (em termos gramscianos) de nossos intelectuais. Provavelmente se possa argumentar também, em função do "personalismo" reinante da esfera pública brasileira, apontado pelo próprio Sérgio ("a singular

tibieza de nossas formas de organização" afinada à "cultura da personalidade"... "desde tempos imemoriais"), que nossos letrados tenham sido, a um só tempo, uma espécie de "mescla tropical" de orgânicos (isto é, servidores do sistema dominante) e tradicionais (individualistas e autocentros). Em relação ao caráter nacional brasileiro de Dante M. Leite, dadas as restrições levantadas pela psicanálise a esse tipo de construção como traço constante e genérico, é provável que se possa apontar como principal motivo da aludida invalidação, não exatamente a "teoria da unidade bioquímica do ser humano", mas, segundo o comentário de Renato Mezan, a radical desconfiança da psicanálise tanto em relação à "solidez epistemológica do conceito de identidade", quanto à "estabilidade do sentimento de identidade".

Dando prosseguimento à vertente crítica da identidade, Bosi chega a Guimarães Rosa. Ele opõe o "foco narrativo ludicamente distanciado", em Mario de Andrade, à "sintonia" de Rosa com a cultura popular e suas crenças, apesar da prosa refinada e alusiva de sua narrativa. A esse respeito, o artigo que dá título à coletânea articula uma instigante comparação entre o realismo crítico de Graciliano, na narração, em terceira pessoa, de Vidas secas, e a empatia do narrador mineiro, com o vertiginoso transporte de seus personagens do mais "fundo desamparo" à epifania, pela vontade capaz de superar o inferno da contingência, porque "todo abismo é navegável a barquinhos de papel".

Neste coeso conjunto de ensaios, que embora independentes guardam íntima conexão, cabe registrar o breve comentário de Bosi sobre a neo-anthropofagia dos anos 60, "pressuposto dos tropicalismos brasileiros". Entre a captação das semelhanças, surpreende-se a omissão de significativas diferenças. Segundo Celso F. Favaretto, a par do experimentalismo, do humor corrosivo e do sincretismo cultural no primitivismo modernista, a mitificação da técnica termina por engendrar uma perspectiva em que "as contradições culturais acabam sendo tratadas esteticamente, reduzindo-se ao idealismo de um ethos brasileiro". Já no Tropicalismo, "o fundo étnico valorizado pela antropofagia aparece (...) sob a forma de valores da sociedade industrial, reduzidos a emblemas" em que o arcaico e o moderno se justapõem (tese de Roberto Schwarz). "Isto se vê na crítica tropicalista, particularmente em seu procedimento estético específico, o cafonismo: ao destacar e exacerbar o mau gosto como dado primário de conduta subdesenvolvida, revela (...) as modalidades que caracterizam a desinformação da intelligentsia brasileira" (Zulmira R. Tavares).

Quanto ao módulo sobre a cultura italiana, a par da solidez da erudição demonstrada, vale ressaltar a originalidade das abordagens de Pirandello, muito além da redundância de uma certa crítica, obcecada pela sua sempre desdobrável "dialética relativista". Em vez disso, Bosi dedica-se ao diagnóstico do patético processo de desagregação da consciência atomizada de personagens que, literários ou dramáticos, dissolvem-se nas formas fantásticas da nadificação.

Angela Maria Dias é professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro.